

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA  
PORTUGUESA E LITERATURA

Felipe Souza Araújo

**A LEITURA COMPARADA: UM MÉTODO DE RECEPÇÃO PARA FORMAÇÃO DE  
LEITORES**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2018

FELIPE SOUZA ARAÚJO

**A LEITURA COMPARADA: UM MÉTODO DE RECEPÇÃO PARA FORMAÇÃO DE  
LEITORES**

Monografia de Especialização  
apresentada ao Departamento Acadêmico  
de Linguagem e Comunicação, da  
Universidade Tecnológica Federal do  
Paraná como requisito parcial para  
obtenção do título de “Especialista em  
Língua Portuguesa e Literatura.”  
Orientador: Prof. Dr. Rogério Caetano de  
Almeida

CURITIBA - PR

2018



## **TERMO DE APROVAÇÃO**

A leitura comparada: um método de recepção para formação de leitores

Por

**FELIPE SOUZA ARAUJO**

Monografia apresentada às 08:50, do dia 11 de agosto de 2018, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Turma , ofertado na modalidade de Ensino a Distância, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

---

ROGERIO CAETANO DE ALMEIDA  
UTFPR - Curitiba  
(orientador)

---

Marcelo Franz  
UTFPR - Curitiba

---

ROBERLEI ALVES BERTUCCI  
UTFPR - Curitiba

Dedico este trabalho ao meu filho Davi, meu  
pequeno autista, por quem tem procurado ser  
melhor.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus a graça e a bondade de manter-me vivo.

Agradeço à minha esposa as palavras de amor ditas nas horas complicadas e o incentivo tão importante para finalizar este projeto.

Agradeço aos meus pais os apontamentos sempre certos para escolher o melhor caminho.

Agradeço ao Professor Rogério a paciência de me orientar.

*Para os cidadãos vivendo em condições normais de desenvolvimento, um livro pode ser uma porta a mais que se abre; para aqueles que foram privados de seus direitos fundamentais, ou de condições mínimas de vida, um livro é talvez a única porta que pode permitir-lhes cruzar a fronteira e saltar para o mundo.*

(Beatriz H. Robledo)

## RESUMO

ARAÚJO, Felipe Souza. **A leitura comparada: um método de recepção para formação de leitores**. 2018. 37 f. Monografia (Especialização Língua Portuguesa e Literatura) – Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. Curitiba, 2018

A presente pesquisa traz uma abordagem sobre a formação do leitor literário no ambiente escolar. Para tanto, apresenta uma discussão sobre linguagem, leitura, e literatura como função social, bem como o papel da escola e a responsabilidade do professor no processo de formação literária. Expõe também o conceito de estética da recepção e como esta enxerga o leitor. Elucida as etapas que compreendem o horizonte de expectativas do leitor. Além disso, faz explanação a respeito do conceito de intermedialidade, relacionando-o ao método recepcional. Após isso, indica uma sequência didática, baseada nas etapas do método recepcional, discutindo posteriormente os resultados obtidos por meio dela. Para realizar o trabalho, escolheu-se como metodologia a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, de natureza aplicada, tendo como objetivo uma pesquisa exploratória.

**Palavras-chave:**(Formação do leitor, literatura, método recepcional, intermedialidade)

## **ABSTRACT**

ARAÚJO, Felipe Souza. **Comparative reading: a reception method for reader formation**. 2018. 37 f. Monografia (Especialização Língua Portuguesa e Literatura) – Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. Curitiba, 2018

The present research brings an approach on the formation of the literary reader in the school environment. To do so, it presents a discussion about language, reading, and literature as a social function, as well as the role of the school and the teacher's responsibility in the process of literary formation. It also exposes the concept of aesthetics of reception and how it sees the reader. It elucidates the steps that comprise the horizon of expectations of the reader. In addition, it makes an explanation about the concept of intermediality, relating it to the receptional method. After that, it indicates a didactic sequence, based on the steps of the receptive method, discussing later the results obtained through it. In order to carry out the work, we chose as methodology the bibliographical research with qualitative approach, of an applied nature, aiming an exploratory research.

**Keywords:**( Formation of the reader, literature, receptive method, intermediality)



## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	15
2.1 FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: O QUE É PRECISO ENTENDER? .....	15
2.1.1 Linguagem, leitura e literatura como função social .....	15
2.1.2 Literatura e escola.....	16
2.1.2 O professor e seu papel no ensino da leitura literária.....	17
2.2 O MÉTODO RECEPCIONAL COMO PRÁTICA PARA A LEITURA LITERÁRIA....	20
2.2.1 Uma breve exposição da Estética da Recepção.....	20
2.2.2 Desenvolvimento do método recepcional.....	22
2.3 LITERATURA COMPARADA POR MEIO DO MÉTODO RECEPCIONAL: UMA PRÁTICA PARA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO.....	24
2.3.1 Considerações sobre o que é intermedialidade .....	24
2.3.2 Literatura comparada e o método recepcional.....	26
3 METODOLOGIA.....	27
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	35
REFERÊNCIAS .....	36

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino da leitura tem sido uma das maiores dificuldades para professores. Muitas vezes, os docentes não conseguem estabelecer o que seria uma boa aula de leitura, caindo assim nas armadilhas de processos autoritários para alcançar tal objetivo. Tais ações desestimulam as crianças e os jovens e atrapalham a motivação para a leitura. Assim sendo, o processo de formação literária do jovem é prejudicado, tornando a leitura um desprazer e não um momento de aprendizado.

É preciso estabelecer caminhos que façam o jovem interessar-se pela leitura, para que este possa adentrar no mundo da leitura literária. A necessidade de propor um meio para auxiliar o processo de formação literária do jovem será o viés desta pesquisa uma vez que a indicação de propostas para leitura se faz necessária. Além disso, o trabalho com a leitura nas escolas tem se tornado mais raro, o que talvez seja um dos principais indicadores do fracasso da leitura na escola.

Quando há propostas para leitura, a maioria delas, são para eventos esporádicos no ambiente escolar. Os projetos de leitura contínua na escola, os mais raros, muitas vezes sofrem diversos problemas, tais como bibliotecas mal organizadas, livros em pouco número, falta de preparo do professor, entre outros fatores. A pretensão em apontar soluções para esta dificuldade é auxiliar não só o trabalho do professor de língua, mas indicar quais práticas a escola pode tomar a fim de torná-la um lugar de leitura.

Para tanto, apresentar-se-á a concepção e aplicação do método recepcional, relacionando-o a perspectiva da literatura comparada ou intermediária uma vez que na atualidade as diferentes formas de mídia chamam a atenção da juventude moderna.

Pretende-se na pesquisa expor, analisar e discutir as teorias citadas a fim de promover uma estratégia que auxilie a escola no processo de formação do leitor.

A pesquisa abordará o tema sobre a formação literária do adolescente, para tanto é necessário que se faça alguns questionamentos sobre o tema: como contribuir para a formação literária na escola? Que ação pode ser tomada para auxiliar o processo de formação do leitor na adolescência? Como o método recepcional e a literatura comparada podem contribuir no processo de formação do leitor? Como a escola pode contribuir para formação do leitor literário? Qual é o

papel do professor no processo de formação desse leitor? Para respondê-las, relacionar-se-á o método recepcional ao conceito de literatura comparada como contribuição para o professor exercer o papel de formador de leitores.

Nesta pesquisa, levantar-se-á conceitos que auxiliem no processo de formação do leitor, como intermedialidade e método recepcional, a fim de compreendê-los para propor um projeto de leitura comparada por meio do método recepcional.

Para nortear o trabalho, será utilizada a pesquisa bibliográfica uma vez que, para responder ao problema proposto, precisarei analisar o tema sob a perspectiva de outros pesquisadores. Assim, a pesquisa, quanto à abordagem, tende a tornar-se qualitativa, pois almejo trazer à luz ideias que possam contribuir com o tema.

Em relação à natureza, a pesquisa será aplicada, porque pretende gerar conhecimentos a fim de solucionar problemas e auxiliar na prática em sala de aula. Em se tratando do objetivo, a pesquisa será exploratória, pois serão apresentadas hipóteses para solucionar o problema. Para tanto, far-se-á levantamentos de bibliografias que abordem o tema, entrevistas que ajudem promover melhor compreensão do problema.



## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: O QUE É PRECISO ENTENDER?

#### 2.1.1 Linguagem, leitura e literatura como função social

Dentre as diferentes manifestações do ser humano, as linguagens talvez sejam as que permitem ao homem uma conexão mais íntima com outro. É, pois, justamente dessa relação, isto é, da convivência com o outro, que “nascem as linguagens” (Bordini & Aguiar, 1988, p. 09). A linguagem verbal é a que tem maior importância no processo de comunicação entre as pessoas uma vez que para perceber o significado de determinado conceito, objeto, substância é necessário recorrer à linguagem verbal. Cosson (2016, p.15) reitera que a linguagem exercitada de diversos modos revela o nosso mundo conforme o que nos é permitido dizer, “isto é, a matéria constitutiva do mundo é, antes de mais nada, a linguagem que o expressa. E *constituímos* o mundo basicamente por meio de *palavras*” (grifo nosso).

Nesse sentido, sendo a palavra construtora de nosso mundo, deve-se fazer menção à manifestação da linguagem na escrita. Esta, como um dos principais instrumentos do homem, concede ao ser humano exceder as limitações físicas uma vez que grande parte das transações, que ocorrem na sociedade, tem seu caminho pela escrita. Ou seja, o código escrito enquanto linguagem verbal ocupa lugar central nas relações humanas. Cosson (2016) assim afirma:

Praticamente todas as transações humanas de nossa sociedade letrada passam, de uma maneira ou de outra, pela escrita, mesmo aquelas que aparentemente são orais ou imagéticas. É assim com o jornal televisionado com o locutor que lê um texto escrito. É assim com práticas culturais de origem oral como a literatura e cordel, cujos versos são registrados nos folhetos para serem vendidos nas feiras. Também a tela do computador está repleta de palavras e os “vídeo games” cheios de imagens não dispensam as instruções escritas. Essa primazia da escrita se dá porque é por meio dela que armazenamos nossos saberes, organizamos nossa

sociedade e nos libertamos dos limites impostos pelo tempo e pelo espaço. (Cosson, 2016, p.16)

A partir dessa ideia tem-se outro evento que advém das palavras: a leitura. Por meio da leitura literária ou informativa, o indivíduo se relaciona com outros que lhes estão distantes no tempo ou no espaço. É por meio dela também que o indivíduo consegue ampliar seu conhecimento sobre o mundo e a sociedade que o cerca. Contudo, é por meio da leitura literária (e por que não dizer por meio da escrita literária) que os sentidos se potencializam, pois a literatura “extrai dos processos histórico-políticos-sociais nela representados uma visão típica da existência humana” (Bordini & Aguiar, 1988, p. 14). Nesse sentido, percebe-se que o texto literário tem função, não só como forma de reelaborar o conhecimento, mas de permitir ao ser humano experimentar a vida do outro, bem como viver a experiência do outro.

Portanto, o texto literário é um agente social que transforma o mundo que cerca o leitor, mobilizando-lhe a consciência para que questione sua realidade e reflita sobre ela. Além disso, o texto literário carrega uma riqueza de sentidos promovendo-lhe prazer que não se encontram em outras formas textuais. E é por isso que a escola precisa manter o texto literário numa prateleira que o destaque.

### **2.1.2 Literatura e escola**

Em seu livro, Vera Maria Tietzmann Silva (2009) pergunta se a literatura pode ser ensinada. Baseando-se no comentário Cruvinel (in: Silva, 2009), a autora chega à conclusão de que a literatura pode ser associada ao âmbito pedagógico, mas isso não quer dizer que se trata de fato de um ensino, visto que o texto literário não se submete a programação de conteúdos da escola.

Cosson (2006), por sua vez, ao estabelecer um contraponto entre a literatura do ensino fundamental – que leva o nome de literatura infanto-juvenil, e a literatura do ensino médio (a que, segundo ele, não tem adjetivo), conclui que a escola não tem ensinado a literatura na sua forma essencial: a “de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza” (Cosson, 2016, p.21).

O que se nota, embora os comentários acima pareçam contraditórios, é que a escola deve exercer um papel em relação ao contato do aluno com a literatura. Para

tanto, a escola precisa romper com o ensino tradicional de literatura que é feito de forma vaga com textos aleatórios no fundamental e realizado sistematicamente, baseando-se apenas em escolas literárias e autores do cânone, no ensino médio.

Há também a necessidade de se trabalhar a leitura efetiva dos textos literários, não apenas para atingir o prazer da leitura, mas organizada, respeitando os objetivos de formação do discente e vinculando os textos à cultura de seu grupo ou de sua classe para que o adolescente se reconheça na obra.

Outro aspecto importante para a escola promover um ensino eficiente da leitura literária é dispor de salas de leitura ou bibliotecas bem aparelhadas e adequadas, com professores ou bibliotecários que promovam os livros literários, de professores leitores com fundamentação teórica e metodológica adequadas, de projetos que promovam a literatura e, por fim, de interação democrática entre educandos e educadores.

Além disso, é preciso a compreensão de que a formação literária, ou letramento literário como denomina Rildo Cosson, é uma prática social que a escola deve tomar como sua responsabilidade. Cabe, então, dizer que nesse papel de responsabilidade a figura mediadora é o professor.

### **2.1.2 O professor e seu papel no ensino da leitura literária**

Como dito, o professor aparece como mediador principal, não o único é claro, no processo de formação do leitor de literatura e como tal é necessário principalmente que ele seja leitor. Entretanto, o docente – além de leitor, deve ter conhecimento teórico e embasamento metodológico.

Em se tratando de teoria, antes de tudo o professor tem de conhecer os tipos de leitura. Silva (2009) apresenta a leitura em três formas: a) leitura mecânica que consiste na decifração de códigos e sinais. É a que transforma o sinal em identificável da palavra; b) leitura de mundo, fundamentada no pensamento de Paulo Freire sobre a ideia de que a leitura de mundo, isto é, aquela pautada nas experiências do indivíduo, precedem a leitura da palavra; c) leitura crítica, esta alia a leitura mecânica à de mundo. É crítica porque o leitor avalia o que está lendo. Ou seja, procura e tira conclusões, relacionando a leitura do momento com outras leituras já feitas a fim de chegar a conclusões próprias.

Bordini e Aguiar (1988), de maneira mais pormenorizada, elencam cinco níveis de leitura conforme a idade das crianças e dos adolescentes durante o período escolar:

- 1) Pré-leitura: momento em que, as crianças entre 2 a 5, estão no período de alfabetização, portanto preferem livros de gravuras e poucas palavras escritas;
- 2) Leitura compreensiva: período de alfabetização, em que as crianças, de 5 a 8 (9) anos, começam a decifrar o código e fazem uma leitura silábica e de palavras;
- 3) Leitura interpretativa: estando no fim da infância e no período da pré-adolescência (9 a 12 anos), o aluno interpreta as ideias do texto, dispondo de fluência para ler.
- 4) Iniciação à leitura crítica: neste nível, o estudante – que está na idade entre 12 a 14 anos, tendo atingido o desenvolvimento das operações intelectuais, além de interpretar os dados dos textos, posiciona-se atribuindo juízos de valor.
- 5) Leitura crítica: Com a idade de 14 a 17 anos, o aluno, além de elaborar juízos de valores, consegue desenvolver uma percepção dos conteúdos estéticos.

Observa-se, portanto, que a leitura passa por um processo e que o professor precisa estar atento à fase em que se encontra o estudante para que no trabalho com o texto literário não haja obstáculos nem se crie desmotivações durante o processo de leitura.

Outro ponto a ser ressaltado é de que o professor entenda bem o processo de análise literária. Esta não desconstrói, como alguns pensam, a beleza e a magia do texto literário, na verdade “a análise literária, quando bem realizada, permite que o leitor compreenda melhor essa magia e a penetre com mais intensidade” (Cosson, 2016, p. 29). Justamente por enxergar a literatura como processo de comunicação, a análise literária ajuda o leitor a penetrar no texto literário de diversas formas, explorando-o sob variados aspectos.



Nesse sentido, nota-se a real função da análise literária no processo de leitura literária: fazer que o estudante não somente leia, mas também experimente toda a riqueza da linguagem na literatura. Nos dizeres de Cosson:

*(...) a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo da linguagem. (2016, p.30)*

Por fim, a escolha de textos é fundamental para a formação literária do estudante. Bordini e Aguiar (1988) salientam que essa seleção tem que respeitar alguns princípios básicos para o ensino da literatura: “o atendimento aos interesses do leitor, a provocação de novos interesses que lhe agucem o senso crítico e a preservação do caráter lúdico do jogo literário” (1988, p. 28).

Além disso, sugere-se que o docente deva conhecer algumas teorias literárias a fim de que possa discriminar que texto seria melhor para a leitura, bem como a fim de estabelecer um método adequado para compreensão e interpretação de determinada obra literária.

Segundo as autoras, as concepções de teoria literária podem ser classificadas de duas formas: correntes “que valorizam o discurso linguístico e suas representações ideais, como a estilística, o formalismo russo, o estruturalismo e a semiologia” (Bordini & Aguiar, 1988, p. 3); e as que estimam a relação entre o mundo real e o mundo criado, representadas pela Teoria de Aristóteles, a sociologia da literatura e a estética da recepção.

Já Cosson (2016) defende a ideia de que a seleção de textos se dá por meio de diversas direções. Dentre elas, o pesquisador menciona a escolha de textos literários baseadas no cânone, a seleção de obras contemporâneas e aquela que defende a pluralidade e diversidade de obras, autores e gêneros. Contudo, para o autor, se as direções forem tomadas de forma isolada não atingirão a proposta do objeto de ensino que se deseja.

Nesse sentido, a literatura tem de ser vista como um sistema formado por outros sistemas, por isso deve-se “investir na leitura desses vários sistemas até para compreender como o discurso literário articula a pluralidade da língua e da cultura” (Cosson, 2016, p. 34).

Há ainda outro ponto a ser levantado no processo de seleção textos para a leitura literária: a atualidade das obras. Ao tratar da atualidade dos textos, refere-se ao significado que eles têm para o indivíduo em seu tempo, não ao momento em que foram escritos. Para Cosson “o letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não. É essa atualidade que gera a facilidade e o interesse de leitura dos alunos” (2016, p.34).

Num último aspecto, é necessário que o professor parta do que o aluno já conhece para o que ele desconhece, pois esse é um meio de propiciar o crescimento do leitor, ampliando dessa forma seus horizontes de expectativas.

Sendo assim, para que se construa o processo de formação do leitor literário, é necessário que o docente estabeleça metodologias que o auxiliem nesse árduo trabalho de promover o desenvolvimento literário.

## **2.2 O MÉTODO RECEPCIONAL COMO PRÁTICA PARA A LEITURA LITERÁRIA**

### **2.2.1 Uma breve exposição da Estética da Recepção**

O método recepcional nasce com as teorias alemãs da Escola de Constança, quando a ideia de *estética da recepção* surge como contraponto das teorias literárias de tradição dominante do início do século XX que valorizavam ora o autor do texto ora o próprio texto.

A *estética da recepção* propõe que o leitor seja o elemento primordial para concepção de sentidos do texto. Zappone (2009, p.154) corrobora esta ideia dizendo: “Seja individualmente, seja coletivamente, o leitor é a instância responsável por atribuir sentido àquilo que lê”.

Entretanto, é preciso expor que os sentidos descobertos na leitura não são frutos simplesmente dos ideais do leitor, mas sim a interação dele com o texto. Nesse diálogo, o leitor precisa preencher as lacunas que existem no texto de forma imaginativa uma vez que tal interação não se trata de um contato face a face.

Para Bordini e Aguiar (1988) como o texto e o leitor estão inseridos em horizontes históricos – que são distintos e defasados, é necessário a junção entre eles, texto e leitor, para que haja a comunicação.

É pensando nesses pressupostos teóricos que Hans Robert Jauss elabora sua teoria de Estética da Recepção. Nesta, além de direcionar aos leitores a responsabilidade para atribuição de sentidos, o pensador propõe que a história literária seja analisada a partir do aspecto recepcional.

Para tanto, Jauss estabelece sete teses para a construção de uma história da literatura. A primeira tese estabelece a ideia de que a historicidade da literatura deve basear-se nas experiências dos leitores da obra literária. Nesse sentido, o pesquisador procura contrapor o conceito positivista que enxerga o texto literário como atemporal, ou seja, um texto que apresenta um mesmo significado em épocas diferentes. “Logo, o texto literário não é um fato, nem uma ação, mas um ato de recepção” (Zappone, 2009, p.158).

A segunda tese proposta por Jauss é a que estabelece uma contra argumentação para refutar críticas a aceção de que a historiografia da literatura deve fundamentar-se na experiência do leitor. Para o autor, este tem que carregar consigo um saber prévio literário e de experiência de vida. Jauss denomina esse conhecimento como horizonte de expectativas.

A noção de distância estética compõe a terceira tese exposta pelo pensador. Para ele, trata-se de um afastamento existente entre o horizonte de expectativa do leitor e o horizonte de expectativa que pode ser estabelecido pela obra literária. O autor considera duas distâncias estéticas, por assim dizer: a que é pequena, ou seja, aquela que se adapta ao horizonte de expectativas do público; e aquela que, aumentando a distância entre os horizontes de expectativas da obra e do leitor, é capaz de transformar essa nova forma “num novo sistema literário de referência” (Zappone, 2009, p. 159)

A quarta tese constituída por Jauss é a de que, os sentidos dos textos literários são construídos durante a história. O pesquisador para explicar tal ponto parte do conceito proposto por Georg Gadamer: a história do efeito. Isto é, quem

interpreta o texto literário está conectado num processo histórico que, segundo Zappone, transforma a forma de leitura do texto.

Jauss estabelece para a história literária um caráter diacrônico como quinta tese. Porém, não a vê como uma simples sucessão de obras que alcançaram prestígio e sim no que ela pode oferecer como leituras possíveis a públicos posteriores.

A sexta tese propõe que se veja a obra literária num aspecto sincrônico, isto é, além de ser lida partindo de suas histórias de recepção (aspecto diacrônico), o texto literário deve ser apreciado também no momento em que aparece.

Por fim, a sétima tese fundamenta-se na ideia de que a obra literária tem que se relacionar com a vida prática do leitor, não no que tange somente os efeitos estéticos, mas também em implicações éticas, psicológicas, ideológicas e sociais.

### **2.2.2 Desenvolvimento do método recepcional**

Como se pôde perceber a estética da recepção baseia-se na vivência do leitor com o texto e nos horizontes de expectativas existentes entre eles. Sendo assim, o método recepcional é uma proposta de desenvolvimento para que se trabalhe esses horizontes. Esta metodologia é dividida em cinco etapas que serão apresentadas a seguir.

A primeira delas é denominada de *determinação do horizonte de expectativas*. Nesta, o professor estabelece estratégias para verificar os interesses dos alunos, valorizando as afinidades – seja àquelas ligadas aos modismos, às suas crenças, valores culturais, aos estilos de vida. O docente propõe atividades que o façam perceber os horizontes de expectativas dos alunos para que assim possa romper com eles e transformá-los ao longo do processo de leitura.

O segundo momento é o *atendimento do horizonte de expectativas*. Nesse ponto são propostas atividades com textos que agradem os interesses dos discentes. Bordini e Aguiar (1993) expõem que esses interesses devem ser atendidos de duas formas: a) o objeto, ou seja, os textos a serem selecionados. Estes têm de ser os mais procurados, podendo ser textos da própria literatura ou de

outras mídias presentes no cotidiano dos alunos; b) as estratégias de ensino que precisam estar aliadas, temática e estruturalmente, as expectativas dos discentes.

A fase seguinte é a de *ruptura do horizonte de expectativas* ocasião em que se insira atividades de leitura que promovam no aluno um abalo em suas certezas e seus costumes. Neste momento dá-se continuidade a etapa anterior, no entanto escolhendo apenas um aspecto: estrutura, tema ou linguagem. Tal ação é para permitir ao aluno a percepção de que ele está se inserindo em ambiente novo, desconhecido até então por si.

A próxima etapa é titulada de *questionamento do horizonte de expectativas*. Esse momento é de comparação das duas etapas anteriores. É justamente aqui que os alunos analisam os textos para decidir quais exigiram maior reflexão, permitindo maior satisfação. Depois de compararem as obras, os discentes discutirão o seu próprio comportamento, investigando as dificuldades apresentadas, averiguando quais os meios foram usados a fim superar as barreiras textuais. Além disso, essa ocasião oferece aos leitores a oportunidade de observar quais conhecimentos por eles já adquiridos – quer na vida escolar quer na vida prática, os auxiliaram no entendimento dos textos.

Por fim, o último passo – embora não se possa dizer que é de fato o último, é a *ampliação do horizonte de expectativas*. Nesta fase, o leitor, após ter notado que as leituras estão relacionadas ao seu mundo, toma consciência “das alterações e aquisições, obtidas através da experiência com a literatura” (Bordini & Aguiar, 1993, p. 90). A tomada de consciência acontece de forma individual ou em grupo sem que o professor interfira diretamente nela, porém a função do docente é elaborar meios que provoquem avaliação do aluno sobre o que já foi alcançado e o que precisa ser feito.

Como dito acima, esse derradeiro momento torna-se, na verdade, o início de outra fase visto que o processo é um espiral que permite ao discente postar-se diante da literatura e da vida de forma mais consciente.

Em suma, de maneira simples, as etapas do método recepcional dividem-se da seguinte forma: a) determinação do horizonte de expectativas, que consiste na verificação dos interesses dos alunos; b) atendimento do horizonte de expectativas,

parte em que são propostos textos que atendam os interesses dos discentes; c) ruptura do horizonte de expectativas, fase na qual se introduz textos que abalem as certezas dos alunos; d) questionamento do horizonte, etapa em que se compara os dois momentos anteriores a fim de facilitar o entendimento do aluno; e) por fim, ampliação do horizonte de questionamentos, momento em que os discentes se conscientizarão das aquisições adquiridas por meio da experiência com a literatura.

## **2.3 LITERATURA COMPARADA POR MEIO DO MÉTODO RECEPCIONAL: UMA PRÁTICA PARA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO**

### **2.3.1 Considerações sobre o que é intermedialidade**

Uma vez que a leitura tem como objetivo integrar o homem ao mundo, sendo o método recepcional um meio pelo qual o leitor, num ato de recepção, possa interagir com o mundo que está a sua volta, é necessário perceber que as relações existentes entre palavra e mundo não se reduzem a prática verbal (nesse caso, apenas ao livro). Logo, é importante notar que outros discursos, ou seja, outras mídias também fazem que o homem se relacione com o mundo.

Nesse sentido, o conceito de intermedialidade ganha espaço nas discussões teóricas que tratam das produções artísticas na atualidade. Tal conceito aparece inicialmente no artigo, publicado em 1966, de Dick Higgins, cujo título é “Intermídia”. Para o autor, as melhores produções artísticas da época eram as feitas entre mídias e não aquelas que pertencem a uma mídia só, denominada por ele como mídia pura. O autor menciona Duchamp, John Heartfield, Allan Kaprow e Robert Rauschenberg e Wolf Vostell como artistas que criam obras intermidiáticas.

Higgins, numa complementação publicada em 1981 à primeira parte, alude a definição de Samuel Taylor Coleridge faz a respeito da palavra intermídia e que este explica o termo tal como o próprio Higgins utilizava:

*(...) a palavra “intermídia”, aparece nos escritos de Samuel Taylor Coleridge em 1822, exatamente em seu sentido contemporâneo – para definir obras que estão conceitualmente entre mídias que já são conhecidas. (Higgins, in: 2012, p. 46)*

Irina O. Rajewsky no artigo publicado em 2010 aponta que, num sentido amplo, o termo intermedialidade refere-se à relação de uma mídia com outra, sendo

então um termo flexível e genérico, “ou seja, qualquer fenômeno que – conforme o prefixo *inter* indica – ocorra num espaço *entre* uma mídia e outra(s)” (Rajewsky, *in*: 2012, p. 52).

Partindo desse sentido considerado como amplo, a autora propõe uma discussão sobre as fronteiras individuais das mídias já que para ela conceber a ideia de intermedialidade exige a possibilidade de estabelecer os limites de cada mídia que se relaciona num processo intermediático. Pensando nessas fronteiras que existem entre as diferentes mídias, Rajewsky estabelece três grupos em que se pode inserir a intermedialidade: a) transposição midiática; b) combinação de mídias; c) referências intermidiáticas.

A *transposição midiática* diz respeito ao processo que transforma um texto de uma mídia em outra, por exemplo a adaptação de um texto literário a um filme. Nessa subcategoria, o texto original torna-se a fonte para outra mídia. Para a autora, esse processo de transposição trata-se de uma intermedialidade extracomposicional.

A *combinação de mídias* corresponde a ideia das mídias que na sua composição são plurimidiáticas, tais como filmes, ópera, teatro. Para Cluver (2007) a mídia que tem com maior frequência essas combinações é a mídia verbal, uma vez que esta faz parte das mídias plurimidiáticas.

Por fim, as *referências intermidiáticas* referem-se a textos de uma mídia só que aludem a outros textos ou as especificidades de outras mídias. Isto é, esse processo encaixa-se no conceito de intertextualidade. Cluver assim afirma:

*Esse fenômeno é tão comum que já declarei em outro lugar que “intertextualidade sempre significa também intermedialidade” (Cluver, 2006, p. 14), usando “intermedialidade” em referência a todos os tipos de texto; é uma forma condensada de dizer que entre “intertextos” de qualquer texto (de qualquer mídia) sempre há referências (citações e alusões) a aspectos e textos em outras mídias” (Cluver, 2007, p. 17).*

### 2.3.2 Leitura comparada e o método recepcional

Pensando na ideia de que sempre existe um contato de um texto, estando em qualquer mídia, com outros textos é que o método recepcional entra como procedimento para estabelecer relações entre mídias diferentes, uma vez que ele permite que durante o processo de recepção o leitor interaja com outras modalidades artísticas - como a música e o cinema, e as interprete, associando os significados, os estilos, as formas, etc.

É justamente essa correlação entre textos e mídias esperada nos documentos de educação oficiais no Brasil. A Base Nacional Comum Curricular no âmbito da formação do leitor privilegia esse aspecto:

*O que está em jogo neste campo é possibilitar às crianças, adolescentes e jovens (...) o contato com as manifestações artísticas e produções culturais em geral, e com a arte literária em especial, e oferecer as condições para que eles possam compreendê-las e fruirlas de maneira significativa e, gradativamente, crítica. Trata-se, assim, de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias... (Brasil, 2017, p. 154)*

Sendo assim, o método recepcional contribui para que o leitor inter-relacione as diferentes mídias com a literatura, promovendo dessa forma uma análise das relações existentes entre os textos literários e as artes em geral.



### 3 METODOLOGIA

A atividade é realizada com turmas da 2ª série do Ensino Médio. Para realizar a proposta de leitura são utilizados o romance “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, o conto de Silvio Fiorani “Nunca é tarde, Sempre é tarde”, os filmes “Show de Truman” e “Obrigado por fumar” e a música “Arrombou a mídia”, de Rita Lee, a fim de abordar o tema manipulação e crítica social.

Na primeira etapa – determinação do horizonte de expectativas, começa-se escutando a música “Arrombou a mídia”, composta por Rita Lee. Dá-se aos discentes também uma cópia da letra a fim de acompanharem melhor a música. Os alunos são divididos em grupos e questionados sobre o tema da música, promovendo assim um debate entre eles. Espera-se com o debate que os discentes cheguem à conclusão de que a música fala sobre a sociedade que sofre constante manipulação. Além disso, espera-se que percebam a intertextualidade presente na música.

Na fase seguinte, atendendo o horizonte de expectativas, lê-se o conto “Nunca é tarde, Sempre é tarde”, de Silvio Fiorani, e assistimos ao filme “Show de Truman” (1998). Para o conto, após a leitura compartilhada, é proposta uma atividade de interpretação em que os alunos – em duplas – analisam o conto a partir dos elementos da narrativa, fornecendo também a opinião deles sobre o tema do texto. Depois, assiste-se ao filme. Como atividade os alunos elaboram uma sinopse do filme. Nesta, pretende-se apresentar as características do gênero, bem como sua função social. Assim sendo, trabalha-se um dos eixos do ensino de língua portuguesa: análise e produção de gêneros textuais. Por fim, realiza-se um novo debate a fim de comparar o conto e o filme.

Para a ruptura do horizonte de expectativas, vê-se outro filme: “Obrigado por fumar” (2005). Depois de assistir ao longa, trabalha-se o gênero debate público regrado para incentivar o uso da oralidade. A sala é dividida em dois grupos, o tema será estabelecido após a discussão sobre o filme. A intenção é que os alunos percebam que o filme trabalha argumentação por meio da oratória e que para tanto utiliza-se os elementos midiáticos para convencer as pessoas a tomarem certas decisões.

Na etapa posterior, em que há o questionamento do horizonte de expectativa, realiza-se uma análise, comparando os dois filmes e integrando o conto lido anteriormente. Após essa parte, os alunos elaboram um artigo de opinião sobre tema manipulação midiática e crítica social. Desenvolve-se atividades que ajudem os alunos a construir o texto, tais como elaboração de tese, uso de argumentos, elementos coesivos para textos argumentativos, trabalhando assim outro eixo da disciplina: a análise linguística.

Por fim, para ampliar o horizonte de expectativas, lê-se o romance de Machado de Assis, “Dom Casmurro”. A leitura será feita na biblioteca (sala de leitura, como é chamada nas escolas do Estado de São Paulo), de forma compartilhada. Nessa etapa, pretende-se que os alunos notem a manipulação que a princípio a personagem Bentinho faz com leitor. Além disso, espera-se que o aluno perceba que a narrativa é permeada de críticas à sociedade do século XIX.

## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A metodologia que foi proposta por meio do método recepcional pretende contribuir na ampliação dos horizontes de expectativas do leitor. Isto é, fornecer ao jovem um mecanismo que lhe permita a interpretação do texto literário de forma abrangente e humanizadora. Além disso, o projeto aspira colaborar com a fruição leitora do aluno, proporcionando-lhe a potencialização de habilidades e a experiência significativa no contato com as diferentes produções artísticas a fim de que ele perceba as artes não se isolam.

Nessa perspectiva, então, deu-se início a metodologia ouvindo a música “Arrambou a mídia”, de Rita Lee, que é parece ser uma paródia da música “Arrambou a festa”. A letra da canção é a seguinte:

*Ai ai meu Deus  
O que foi que aconteceu  
Com a Mídia Popular Brasileira  
Rádio e TV tem jabá  
Novelas ditam quem é Star  
Eu também quero ser marketeira*

*Tem sempre na tela um apresentador  
Vendendo a tragédia de algum cantor  
A fé corre o risco de fugir da igreja  
No canal do bispo, comercial de cerveja  
De meia em meia hora, uma nova pesquisa  
Mas como, se ninguém nunca me analisa?  
Por sorte meu controle anda tão descontrolado  
Eu mudo de canal e ele aperta o desligado...  
isto é uma vergonha!*

*Jornais falham mais que previsão de economista  
Tem crítico da hora que sonha ser artista  
Veja a Época de trair com mais prudência  
Velho viagrado Isto É a nova tendência  
Ricos e Famosos dão as Caras por Capricho  
Peladonas de hoje amanhã estão no lixo  
Manchete eterna palestinos e judeus  
Nossa Faixa de Gaza é na Cidade de Deus...  
eu aumento mas não invento!*

*Em outdoor desfila o mundo fashion très chic  
Morrendo de fome as top models têm chilique  
Dietas, malhações, botox saem pela goela*

*Os Big McCoisa fazem mal e dão seqüela  
Fama Brother fraude no Limite do milhão  
Programas de barraco, pegadinhas, que armação!  
"Loiras apresentadoras" tentam o estrelato  
Mas pra chegar à Hebe haja sola de sapato...  
mexeu com você, mexeu comigo!*

*Editoriais são pura megalomania  
Manipulando minha vida todo santo dia  
As FMs tocam a mesmice que eu não peço  
Nada mais parado que parada de sucesso  
Um ponto no Ibope custa a alma pro diabo  
E eu pago pra enfiar Tv à cabo pelo rabo  
Quatro enxeridas falam mais que Zarathustra  
É isso que dá juntar mulher de Saia Justa...  
Um beijo do gordo!*

Retirado de: <https://www.letras.mus.br/rita-lee/870193/>

Depois de ouvir a canção, foi feita a questão sobre o tema presente na letra. Os discentes facilmente notaram que a música explana uma crítica a respeito da mídia brasileira. Essa percepção é importante, pois é com base nela que se estabeleceu, conforme previsto na metodologia, o ponto de partida do horizonte de expectativas necessário à progressão do projeto. As principais citações dos alunos, em se tratando dessa crítica, foram o fato das novelas influenciarem no modo de vida das pessoas, os programas de reportagem que “veneram” as tragédias e as propagandas que induzem as pessoas a seguirem um estilo de moda e de vida e a consumirem alimentos que não são saudáveis.

Além disso, os alunos elencaram – o que também se esperava, as referências aparentes nos textos, ou seja, as intertextualidades do texto: alusões as revistas Época, Caras, Capricho e implicitamente a Playboy; e as expressões “eu aumento, mas não invento” de Néelson Rubens e “um beijo do gordo” de Jô Soares.

Tendo finalizado esse momento em que se firmou o horizonte de expectativas do projeto, partiu-se para a segunda etapa: atendimento ao horizonte de expectativas. Nesta fase, foi feita a leitura do conto “Nunca é tarde, sempre é tarde de Silvio Fiorani reproduzido abaixo:

*Conseguiu aprontar-se, mas não teve tempo de guardar o material de maquiagem espalhado sobre a penteadeira. Olhou-se no espelho. Nem bonita, nem feia. Secretária. Sou uma secretária, pensou, procurando conscientizar-se. Não devo ser, no trabalho, nem*

*bonita, nem feia. Devo me pintar, vestir-me bem, mas sem exagero. Beleza mesmo é pra fim de semana. Nem bonita, nem feia, disse consigo mesma. Concluiu que não havia tempo nem para o café. Cruzou a sala e o hall em disparada, na direção da porta de saída, ao mesmo tempo em que gritava para a mãe envolvida pelos vapores da cozinha, eu como alguma coisa lá mesmo. Sempre tem alguém com alguma bolachinha disponível. Café nunca falta. A mãe reclamou mais uma vez. Você acaba doente, Su. Assim não pode. Assim, não. Su, enlouquecida pela pressa, nada ouviu. Poucas vezes ouvia o que a mãe lhe dizia. Louca de pressa, ia sair, avançou a mão para a maçaneta da porta e assustou-se. A campainha tocou naquele exato momento. Quem haveria de ser àquela hora? A campainha era insistente. Algum dedo nervoso apertava-a sem tréguas. A campainha. Su acordou finalmente com o tilintar vibrante do despertador Westclox e se deu conta de que sequer havia-se levantado. Raios. Tudo por fazer. Mesmo que acordasse em tempo, tinha sempre que correr, correr. Tinha tudo cronometrado, desde o levantar-se até o retoque do batom e o perfumezinho final. Exploit da Atkinsons. Perfume quente. Mais ou menos quente. Esqueceu onde havia deixado o relógio de pulso. Perambulou nervosamente pela casa procurando-o. Atrasou-se alguns preciosos minutos. A mãe achou-o sobre a mesinha do telefone. Su colocou-o no pulso. Viu as horas. Havia conseguido aprontar-se, mas não teve tempo de guardar o material de maquiagem espalhado sobre a penteadeira. Olhou-se no espelho. Nem bonita, nem feia, pensou. Vou ficar bonita mesmo só no sábado. Não havia tempo nem para o café. Cruzou em disparada a sala e o hall, em direção à porta de saída, ao mesmo tempo em que gritava para a mãe, bolachinha disponível. Avançou a mão para a fechadura e assustou-se com o toque insistente da campainha. Algum dedo nervoso. O Westclox. Su acordou e deu-se conta mais uma vez da trágica e permanente verdade de que ainda não estava pronta. Levantou-se de um ímpeto. Correu ao banheiro, voltou do banheiro, vestiu-se com a roupa estrategicamente deixada sobre a cadeira na noite anterior. Ao sentar-se mais uma vez frente ao espelho, notou que, embora não tivesse ainda se pintado, o material de maquiagem já estava espalhado sobre a penteadeira. O batom aberto e usado, o Exploit desastrosamente destampado, evaporando. O despertador tocou novamente. Ou tocou finalmente? E estava com toda a corda, pois demorou a silenciar. Mesmo assim, Su andou pela casa toda, tentando desesperadamente acordar-se. Ocorreu afinal a idéia de pedir ajuda à mãe. Esta, envolvida pelos vapores da cozinha, mostrou-se compreensiva. Está bem, Su. Espere só um instantinho que eu vou lá no quarto te acordar.*

Retirado de: LADEIRA, Julieta de Godoy (org.). Contos Brasileiros Contemporâneos. 1ª edição. São Paulo: Salamandra, 2005, p. 75 e76

Após a leitura do conto, os alunos realizaram a atividade que compreendia analisar o texto, a princípio, a partir dos elementos da narrativa. Nesse ponto, levantou-se uma questão sobre o foco narrativo: a mescla entre o narrador em terceira pessoa e o de primeira pessoa. Nesse sentido, a compreensão foi a de que no momento em que o narrador se posta em terceira pessoa, entende-se que ele tem o controle da história da personagem. No entanto, quando o narrador passa a ser em primeira pessoa, depreende-se que a personagem toma para si o controle da história.

Outro ponto, foi a interpretação que se teve do texto: a personagem parece estar dentro de um sonho que se ramifica. No conto, quando ela pensa estar acordada, descobre que ainda estava dormindo. Esta impressão permitiu o entendimento de que a personagem é, de alguma forma, controlada por algo que a impede de sair da cama.

Em continuidade a segunda fase do projeto, assistiu-se ao filme “O Show de Truman, O Show da Vida”.



Fonte: Google imagens

Nesse momento, os alunos expuseram a ideia de que o filme trata da força manipuladora que a mídia tem sobre as pessoas. Como atividade, consoante ao que foi planejado, os discentes produziram uma sinopse do filme.

Em seguida, analisou-se o conto e o filme, buscando pontos de intersecção entre eles. Chegou-se à conclusão de que, embora não haja no texto fílmico o conceito de narrador tal qual o texto narrativo, há na longa-metragem o mesmo efeito presente no conto: o texto fílmico tem ora alguém que se refere a Truman, ora o próprio personagem ganha voz, tomando controle das ações da história. No sentido de manipulação, assim como no conto observou-se que a personagem parece ser controlada, no filme apontou-se também essa característica, já que claramente o personagem é conduzido pelo diretor do programa. Os textos ainda

revelam que as personagens, tanto Su quanto Truman, só despertam para o que está acontecendo quando alguém interfere no decorrer das ações nas histórias.

No terceiro ciclo da metodologia – ruptura do horizonte de expectativas, viu-se o filme “Obrigado por fumar”.



Fonte: Google imagens

Procurou-se averiguar no longa a força de manipulação apresentada pela personagem ao convencer as pessoas para consumirem o tabaco. É importante destacar que a personagem tem esse grande poder de manipulação porque consegue argumentar como nenhuma outra personagem do filme. Esse ponto mostra o porquê do filme nessa sequência didática: a percepção do uso da palavra como elemento crucial para argumentar, convencer e manipular as pessoas.

Tendo realizado essa análise, entrou-se na penúltima fase: questionamento do horizonte de expectativas. Comparou-se então o conto e os dois textos fílmicos, procurando evidenciar os pontos de contato entre eles. Apontou-se que os textos de alguma forma trabalham a ideia de controle, isto é, de manipulação.

Por fim, alcançou-se a fase derradeira – ampliação do horizonte de expectativas. Nesta, fez-se a leitura do clássico de Machado de Assis “Dom Casmurro”, aproveitando todo o conteúdo assimilado desde o início da sequência

didática, sobretudo a ideia de manipulação. Durante a leitura, procurou-se salientar como o narrador da história, Bentinho, fornece-nos fatos baseados em seu ponto de vista. Como já tinha sido apontado no conto de Fiorani, quando o narrador está em primeira pessoa, ele toma o controle da história, logo notou-se que no romance “Dom Casmurro” o narrador é a personagem que domina os fatos e que, portanto, ele controla o que é dito, fazendo o leitor caminhar de acordo com as palavras da personagem.

Além disso, realçou-se que, assim como a música “Arrambou a mídia” e os filmes “O Show de Truman, O Show da Vida” e “Obrigado por fumar”, há uma forte crítica a sociedade que a história está contextualizada.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos apresentados nessa pesquisa, observou-se que a formação do leitor literário é um processo que, como função social, permite ao aluno o contato não só com arte literária, mas também com o mundo. Isto é, quando em conexão com a leitura literária, a consciência do discente desperta e este pode questionar o mundo a sua volta.

Assim, sendo a leitura literária um meio pelo qual o aluno pode progredir, a escola – que é o ambiente para as práticas sociais, tem papel importante no processo de formação do leitor literário. Por isso, a necessidade da escola romper com os aspectos tradicionais por ela adotados.

Cabe, pois, ao professor – sendo ele o mediador do ensino-aprendizagem, a tarefa de propiciar ao aluno a formação literária. É preciso, antes de tudo, que o educador seja leitor. Porém, somente leitor não basta, é necessário que o professor tenha conhecimentos de teoria e análise literária. Ademais, o educador tem que saber selecionar textos que se adequem as expectativas dos alunos.

Nesse sentido, a necessidade de se trabalhar na perspectiva do horizonte dos discentes deve ser prioridade uma vez que a leitura é um ato de recepção é o leitor quem lhe atribui significado. Assim, a metodologia que contribui para a formação do leitor literário é o método recepcional, já que por meio dele se pode trabalhar o horizonte de expectativas do leitor, ampliando a sua experiência com o texto literário e fazendo-o questionar suas próprias expectativas.

Além do mais, como a sequência do método recepcional favorece o contato com outros textos, não só literários, mas também de outras mídias, pode-se trabalhar a leitura comparada, ou seja, a intersecção de outras linguagens artísticas no texto literário, permitindo assim que o leitor experiência diferentes formas de contato com mundo por meio das artes.

Portanto, nessa pesquisa procurou-se mostrar que o método recepcional é uma sequência didática que permite ao professor promover a formação do leitor literário, auxiliando-o no processo de aquisição para o jovem leitor de senso crítico e de questionamentos do mundo a sua volta.

## REFERÊNCIAS

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. Literatura: a formação do leitor (alternativas metodológicas). 2. ed. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. B823p Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. 2ª versão. Brasília, DF, 2016

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária. 12ª Ed. Rio de Janeiro : Ouro sobre Azul, 2011

CLÜVER, Claus. Intermidialidade. In: Pós: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes. – Vol.1, n. 2. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2007. Disponível em <https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/16/16> Acesso em 25/05/2018

\_\_\_\_\_. Inter textos/ Inter artes/ Inter media. In: Revista Aletria. Belo Horizonte. Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos Literários. V. 6, p. 1-32, 2006 Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1357/1454> Acesso em 05/06/2018

COSSOM, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. 1. Ed. São Paulo : Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_.Literatura: modos de ler na escola. In: XI Semana de Letras. Anais. Disponível em <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/pdf/rildocosson.pdf> Acesso em 17/04/2018

DINIZ, Thais Flores Nogueira; VIERIA, André Soares (org): Intermidialidade e estudos interessantes: desafios da arte contemporânea - Belo Horizonte : Rona Editora: FALE/UFMG, 2012.

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. A formação do leitor jovem: temas e gêneros da literatura / Ana Mariza Ribeiro Filipouski; Diana Maria Marchi. 1. Ed. Erechim, RS : Edelbra, 2009.

GERALDI, João Wanderley. (org.) [et al.]. Texto na sala de aula. 5. Ed. São Paulo: Ática, 2011.

PETIT, Michèle. A arte de ler: ou como resistir à adversidade; tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. 2. Ed. São Paulo : Editora 34, 2010.

PINTO, Fernanda Paixão Araújo. Intermedialidade e uma aproximação entre literatura e vídeo arte. In: PONTOS DE INTERROGAÇÃO: Revista de Crítica Cultural do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, v 7, n. 1, jan.-jun. 2017

SILVA, Vera Maria Tietzmann. Leitura literária & outras leituras: impasses e alternativas no trabalho do professor. 1ª. Ed. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da Recepção in: BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). Teoria Literária: Abordagem histórica e tendências contemporâneas. 3º ed. Maringá: Eduem, 2009. Cap. 8, p. 153-162.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. In.: Via Atlântica. FFLCH-USP: São Paulo, n.14, 2008, p. 11-22 Disponível em <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376/54486> Acesso em 30/04/2017

